

O PAPEL DAS REDES URBANAS NO ESTADO DA BAHIA: ESTUDO DE CASO – FEIRA DE SANTANA –BA

Augusto César da Silva Machado Copque¹

Maria Noelia de Araujo Silva²

Dante Severo Giudice³

Resumo: *A rede urbana tem uma grande importância na estruturação territorial da Bahia. O seu poder de atração envolve contingentes populacionais, industriais, logísticos, entre outros. O trabalho tem como objetivo analisar o papel dessas redes, buscando compreender a importância das mesmas na estruturação do território baiano especificamente na cidade de Feira de Santana, o segundo aglomerado urbano do Estado. A cidade de Feira de Santana é uma área de confluência que se desenvolveu pela posição estratégica que possui, pois se posiciona em um entroncamento rodoviário por onde circulam todas as ligações entre o Sul-Sudeste e Norte Nordeste brasileiros, caracterizando-se como um dos principais nós da rede rodoviária brasileira.*

Palavras-chave: Redes urbanas; Hierarquia urbana

INTRODUÇÃO

O mundo hoje é um campo de interatividade. Um sistema de redes de transporte e comunicação conecta os diversos lugares do mundo, reduzindo distâncias, ultrapassando fronteiras, desenvolvendo a economia e melhorando as “condições sociais” de uma sociedade, ocupando e modificando espaços, promovendo a implantação de novas tecnologias e uma interatividade mundial.

O PAPEL DAS REDES URBANAS

O traçado das redes é um recurso essencial no eixo dos fluxos de pessoas, de idéias, de mercadorias (escoamento de produção entre os nós - cidades) e de objetos que circulam ininterruptamente no espaço-mundo (utilizando-se de algum meio, de acordo com os mais diversos interesses, necessidades e disponibilidades), considerado cada vez menor e interligado pela extraordinária evolução tecnológica da comunicação e dos transportes. A eficácia e a qualidade da circulação e distribuição dos serviços prestados por essas redes de interligação estão absolutamente ligadas à sua infra-estrutura, ao cumprimento de suas funções, assim como à satisfação das necessidades da sociedade.

Para Santos (1994) rede é um espaço geográfico onde há a relação entre o que é fixo (assentamentos, complexos industriais, infra-estrutura) e o que é fluxo (transportes, informação, movimentação de capital). Essa idéia é complementada por Dias (1995) quando afirma que a rede apresenta a propriedade de conexidade, isto é, através da conexão de seus nós. Simultaneamente, tem a potencialidade de incluir ou de excluir, de promover a ordem e a desordem. Além disso, Dias (op. cit) destaca que a rede é uma forma de organização e no âmbito dos processos de integração, de desintegração e de exclusão espacial ela “aparece como território

¹ Estudante de graduação. Departamento de Geografia/ UCSal. E-mail: gu_copque@hotmail.com (Co-autor).

² Estudante de graduação. Departamento de Geografia/ UCSal. E-mail: nollinhalopes@yahoo.com.br (Autor).

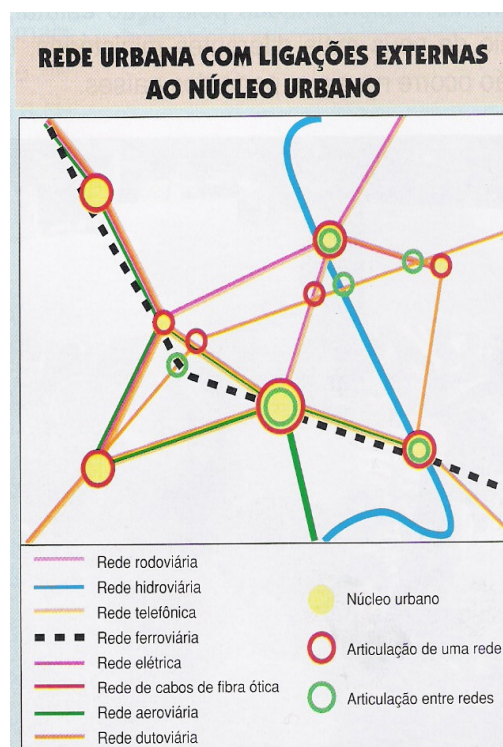
³ Professor Ms. Dante Severo Giudice. Departamento de Geografia/ UCSal (Orientador).

em si. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício de vida”, onde as redes se formam desenvolvendo as chamadas redes urbanas.

Para que haja redes urbanas são necessários alguns fatores fundamentais mencionados em Corrêa (1997) e, entre eles, são citados: a divisão territorial do trabalho (transações comerciais locais e externas, economia de mercado, etc.); pontos fixos no espaço (por onde as transações são realizadas) e interações entre os pontos fixos (diferenciação hierárquica). Afirma ainda que a rede urbana constitui-se no conjunto de centros urbanos funcionalmente articulados entre si. Os nós dessa rede são os diferentes núcleos de povoamento dotados de funções urbanas, e os caminhos ou ligações os diversos fluxos entre esses centros.

Ela funciona como elemento estruturador do território, já que as cidades desempenham a função de nódulos dos sistemas de fluxos que o dinamizam. Na economia industrial, as redes urbanas estruturavam-se essencialmente por meio dos fluxos materiais sob o impacto da revolução da informação. Os fluxos simbólicos se tornam cada vez mais decisivos na definição das hierarquias urbanas e da capacidade de polarização de cada um de seus elementos. Na geografia, fala-se muito em redes de cidades, que podem ser expressas visualmente em um mapa; elas representam um conjunto de relações que se estabelecem entre cidades de vários tamanhos e em diferentes partes do globo.

Relações que, em geral, dizem respeito a questões econômicas e culturais da sociedade e acabam por servir de parâmetro à hierarquização das cidades, conferindo a cada uma delas um papel de maior ou menor destaque nessa relação. As redes que hoje existem são expressões de um determinado tipo de inserção da cidade na concentração econômica e social de um dado momento histórico. Tomando a malha viária, como exemplo (fig. 1), vemos que a extensão e os entroncamentos das linhas de transporte urbano são mais intensos nas áreas mais produtivas da cidade. Tal situação pode modificar-se de acordo com as mudanças pelas quais passa a cidade ao longo de sua história, como é o caso de Feira de Santana.



Hamburger, São Paulo, 2001 – fig. 1

Redes de viventes ou sociais são redes que, por tratarem de relações entre indivíduos de uma coletividade, são fundamentais para a compreensão das redes urbanas. Se não fosse essa presença (e suas pressões exercidas), a rede urbana não seria mais do que o resultado de planejamento estatal, que atende prioritariamente às necessidades de concentração econômica e de reprodução do sistema produtivo. Como elas expressam as necessidades de grupos sociais, forçam a introdução, no planejamento territorial das cidades, de elementos que normalmente seriam ignorados ou não seriam pensados pela lógica de reprodução do capital, ou seja, a do lucro crescente e ampliado.

Como citou Santos:

“O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida”. (2002 – p. 10)

Assim sendo, as redes se formam desenvolvendo as chamadas redes urbanas. Internamente, nas cidades, configura-se, na forma de redes, uma série de sistemas que possibilitam inter-relações entre locais nas cidades e destas com os locais de outras cidades em escalas mais abrangentes (regional nacional e mundial).

Segundo Corrêa (1997), a rede urbana constitui-se no conjunto de centros urbanos funcionalmente articulados entre si. Sendo, portanto, um tipo particular de rede na qual os nós são os diferentes núcleos de povoamento dotados de funções urbanas, e os caminhos ou ligações os diversos fluxos entre esses centros. “A rede urbana é um produto social, historicamente contextualizado, cujo papel crucial é o de, através de interações sociais especializadas, articular toda a sociedade numa dada porção do espaço, garantindo a sua existência e reprodução”.

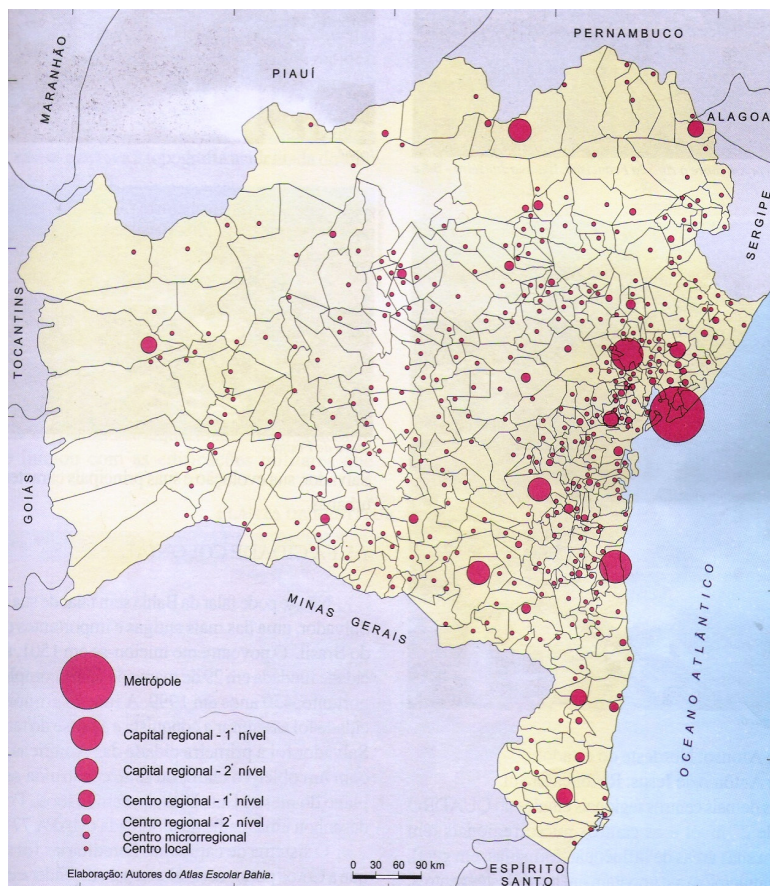
As redes inseridas na cidade influenciam a vida de seus cidadãos (exemplos: redes de água, redes de fluxos econômicos, circulação de pessoas e mercadorias, médicos, etc.). A existência de um maior ou menor número de redes acaba por conferir à cidade um determinado papel na sua região e país. Ainda com relação às cidades, constitui-se hoje uma nova rede, a das cidades globais ou mundiais. Para fazer parte dela, as cidades devem possuir algumas características, entre elas a centralidade e o poder.

Atualmente quando se pensa em uma cidade, destaca-se sua posição dentro de uma rede, sendo a sua hierarquia estabelecida pela verificação de que posição ela ocupa na rede na qual ela está inserida, quais redes de cidades ela está inserida. Como relatou Lencioni (2001):

“As hierarquias devem ser pensadas, agora, não só tendo como referência as cidades, mas, também, tendo como referência a rede de cidades. Em outros termos, a diferenciação nas redes de cidades é o que constrói e determina as novas hierarquias, aonde o mais alto grau na hierarquia é ocupado pelo nó urbano ou pela rede urbana com a maior capacidade de se desvincular aos diversos circuitos mundiais.”

Até a década de 70 do século XX, no Brasil e no mundo, as funções ou serviços que as cidades possuíam eram o que estabelecia o lugar de cada cidade na **hierarquia urbana**. A nova configuração urbana manifesta-se nos principais estados da federação, configurando uma nova complexidade da rede urbana brasileira na qual podemos destacar dois processos: a difusão dos sistemas técnicos e de informação sobre o território, resultado da difusão do processo de modernização e tecnificação da agricultura; com o deslocamento de setores das classes médias rumo ao interior do país, apartando-se dos grandes centros urbanos e, especialmente, das metrópoles. O “êxito econômico” das cidades médias atrai novos contingentes de imigrantes a

estas cidades, levando ao aparecimento de problemas urbanos e sociais semelhantes aos já padecidos pelas grandes metrópoles do país. Estes processos são mais destacados na “região concentrada” (o Centro-sul), que engloba as regiões Sul, Sudeste e áreas do Centro-Oeste do país.



Fonte: SEI (2000) – fig. 2

Diante da concepção de rede de Santos juntamente com a definição feita por Dias, (op. cit.) nota-se que há no Brasil um desvio dos fluxos (antes concentrados nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste), devido aos novos investimentos (fixos) direcionados para a região Nordeste, os quais tendem a se concentrar no Estado da Bahia (fig. 2) (como por exemplo, o Pólo Petroquímico de Camaçari, na Região Metropolitana de Salvador).

A rede urbana tem uma grande importância na estruturação do território da Bahia em diversos aspectos, entre eles os aspectos socioeconômicos e culturais, pois tem um poder de atração que envolve contingentes populacionais, industriais e logísticos. A estruturação do território baiano teve como aspectos fundamentais as redes técnicas (principalmente os transportes e as comunicações), as quais foram decisivas na estruturação de cada cidade e na hierarquia urbana. Na Bahia, foram identificados 10 centros urbanos que concentram cerca de 2/3 do IPM – Índice de Participação dos Municípios do Estado da Bahia (dados da SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia), detêm 94% das instituições de ensino superior, cerca de 33% do ensino fundamental I e II, oferecem serviços de 75% dos médicos do Estado, 60% dos dentistas e neles estão instaladas 90% das emissoras de televisão no território da Bahia (dados da SEI - 2000). Essas cidades estão dispersamente localizadas na Região Metropolitana de Salvador e no interior do Estado, notadamente nos seus extremos territoriais. Essas cidades (**Feira de Santana**, Alagoinhas, Camaçari, Ilhéus, Itabuna, Vitória da Conquista, Barreiras, Juazeiro e Paulo Afonso) polarizam as demais cidades do Estado, já que

são elas as detentoras de bens e serviços essenciais para a população. Isso não é comum nas demais cidades baianas.

Dentro da nova rede de produção e de circulação de mercadorias do Estado todas essas cidades (exceto Paulo Afonso), ao atrair novos fluxos e ter mais importância estratégica, enquanto outras poderiam perder fluxos, e novas cidades deveriam incorporar-se a esses dez centros urbanos. Mas, dentre essas cidades acima citadas está presente o que Corrêa (op. cit) chama de **Hierarquia urbana**. São aquelas que serão inseridas nos novos eixos de circulação e, por isso, suas áreas urbanas deverão ser qualificadas para exercer novas e importantes funções, dentro dos novos eixos de circulação.

O CASO DE FEIRA DE SANTANA

A cidade de Feira de Santana está localizada a leste do Estado da Bahia, entre a Zona da Mata e o sertão, numa área de transição denominada Agreste baiano. Como já foi citado, Feira de Santana é um dos dez centros urbanos que contribuem na estruturação territorial do Estado da Bahia. É uma das cidades que mais se destaca no interior da Bahia pela posição privilegiada que possui (atualmente é a segunda cidade do Estado, e tem como atividades econômicas principais o comércio, indústria, serviços, agricultura e pecuária). Além de um comércio que já é parte integrante de sua história, conta também com um contingente demográfico considerável em relação aos municípios circo-vizinhos.



Imagem de Satélite de Feira de Santana -BA



Em meados do século XVIII, os donos da **Fazenda Sant'Anna** dos Olhos D'Água, **Domingos Barbosa de Araújo e Ana Brandoa**, construíram uma Capela dedicada a Nossa Senhora Sant'Anna. Esta, por sua localização privilegiada, passou a ser ponto de referência para aqueles que trafegavam naquela região. Feira de Santana historicamente é uma cidade marcada pela vitalidade da atividade comercial, se constituindo desde os tempos coloniais como um importante centro de comercialização de produtos. (IBGE - 2006)

Essa posição vincula-se diretamente à sua localização, que se constitui em passagem obrigatória para quem circula para o Norte e para o Sul do país, acrescido ainda do seu sistema de cruzamento de estradas de rodagem. É identificada como Portal do Sertão, pelo seu entreposto comercial e seu canal de comunicação.

A história da cidade se confunde com a história do comércio e a expansão desse setor foi responsável por torná-la conhecida em todo o Nordeste, principalmente após as conexões rodoviárias com as mais importantes cidades do estado, da região e até mesmo do país.

O comércio, durante todo o século XIX, era fonte de prestígio e status, a centenária feira livre desenvolvida no arraial era responsável pela circulação cada vez maior de pessoas oriundas das regiões vizinhas que vinham comprar mercadorias semanalmente. Ao longo da primeira metade do século XX a sua importância permaneceu. A cidade em franco processo de modernização se constituía no centro comercial líder do interior. Em fins da década de sessenta, conforme atesta o PDLI (Plano de Desenvolvimento Local Integrado), era imensurável a importância do setor terciário principalmente no que se refere à diminuição do desemprego.

A instalação de um centro industrial ocorrida em 1970 significou o início de novos tempos, o começo de uma nova fase não mais calcada no comércio, setor mais importante da cidade responsável por boa parte do seu desenvolvimento econômico. A partir do CIS - Centro Industrial do Subaé, acreditava-se que a expansão econômica do município seria assegurada pela industrialização. Ao lado dessa expansão supostamente impulsionada pela indústria, assistimos à difusão de um ideário desenvolvimentista que finca raízes na cidade por mais de uma década.

A importância do comércio para a economia da cidade de Feira de Santana é fundamental, mesmo por ser *a cidade que mais ganhou e cresceu pela sua posição geográfica, isto é, como um epicentro rodoviário que tem crescimento populacional constante, em função da sua capacidade de atrair migrantes*. Para a lógica da expansão econômica que vinha se processando no Nordeste e na Bahia, a função de Feira de Santana, na divisão inter-regional do trabalho, é a de exportar seus produtos industrializados; o setor industrial se constitui em agente dinâmico do processo, assegurando os interesses dos grupos extra-locais que ampliam sua área de investimento. O comércio da cidade, dentro desse contexto, não adquire importância peculiar nem se insere nesse processo, principalmente porque a expansão econômica não o requisita para exercício de sua função, que residiria na venda dos produtos industrializados postos no mercado consumidor. Como a lógica é outra, o comércio permanece sendo um centro de circulação de mercadorias originárias de outras localidades, que são consumidas na própria cidade e na sua área de influência.

A *rede urbana em Feira de Santana* faz parte de uma rede nacional, e do ponto de vista clandestino chega a atingir as redes internacionais. Diante do fato, podemos dizer que tanto a *feira legal* quanto a “*feiraguai*” são fatores que mais contribuem para o crescimento e desenvolvimento da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação territorial no estado da Bahia se deu através da fluidez e da funcionalidade técnica, isto é, do funcionamento das redes técnicas que possibilitou a fluidez da informação, dos produtos, das relações sociais e do próprio capital, originando assim as redes urbanas.

As diversas redes geográficas (das religiões, do Estado, das técnicas, entre outras), têm como **nós** principais os centros urbanos. Pois, são eles, os focos principais das diversas interações espaciais necessárias à existência e reprodução social, interações que, de modo preponderante, originam-se neles, por eles passam e a eles se destinam.

Por ser a principal síntese das redes geográficas, a rede urbana é necessariamente complexa, assumindo diversas formas e conteúdos. É assim, ela própria, uma rede geográfica, a mais complexa de todas.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, M. A Sociedade em rede. São Paulo, Paz e Terra, 1999. v. I. p. 87-88.

_____. La era de la información: Economía, sociedad y cultura, In La sociedad red, vol 1 Madrid: Alianza Editorail, 1997.

CORRÊA, M. B. Tecnologia. In: CATTANI, Antonio D. (Org.) Trabalho e Tecnologia: Dicionário crítico. Petrópolis - RJ: Ed. Vozes, 1997. p. 250-257.

_____. A Rede Urbana. São Paulo, Ed. Ática, 1989.

_____. Trajetórias Geográficas. Rio de Janeiro, Ed. Bertrand Brasil. 1997.

DIAS, L. C. Redes geográficas nacionais e internacionais. Anais do Encontro Nacional de Produtores e Usuários de Informações Sociais, Econômicas e Territoriais, Rio de Janeiro: IBGE, maio de 1999. p. 01-11.

FONSECA, A. A revolução tecnológica e informacional e o renascimento das redes. Feira de Santana (BA) – UEFS

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível no site: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/bahia/feiradesantana.pdf>. Acesso em 28 de maio de 2006.

LENCIONI, S. A metropolização do espaço como nexos aglutinador entre a cidade e a região. Anais do VII Simpósio Nacional de Geografia.

SANTOS, M. Território e Dinheiro. In: Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF. Território, Territórios. Niterói – RJ; 2002. p. 17-38.

_____. Técnica, Espaço, Tempo – Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Ed. Hucitec, SP. 1994.